



PERCURSOS DA HISTÓRIA

Estudos *In Memoriam* de
FÁTIMA SEQUEIRA DIAS

(Coordenação)

Manuel Silvío Alves Conde

Margarida Vaz do Rego Machado

Susana Serpa Silva

FICHA TÉCNICA

Titulo	PERCURSOS DA HISTÓRIA Estudos <i>In Memoriam</i> de Fátima Sequeira Dias
Coordenação	Manuel Sílvio Alves Conde Margarida Vaz do Rego Machado Susana Serpa Silva
Organização	Área de História – Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais – Universidade dos Açores
Autores	Vários
Capa	Nova Gráfica, Lda. Sandra Fagundo
Edição	Manuel Sílvio Alves Conde Margarida Vaz do Rego Machado Susana Serpa Silva
Depósito Legal	406401/16
ISBN	978-989-20-6495-6
Data de Saída	1ª edição, março de 2016
Tiragem	500 exemplares
Execução Gráfica	Nova Gráfica, Lda. Rua da Encarnação, 21 – Pastinhos, Fajã de Baixo 9500-513 Ponta Delgada S. Miguel – Açores

Apoios



Governo dos Açores
Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia



Centro de História
d'Aquém e d'Além-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

Os coordenadores não cumprem as determinações do novo Acordo Ortográfico.

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos seus autores.

É proibida a reprodução, total ou parcial, do conteúdo sem prévia autorização do editor.

Índice

Apresentação.....	7
Ad Aeternum.....	9
Nótula Biográfica	13
Bibliografia	19

PARTE I

TEMAS DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL

Os princípios da colonização portuguesa: Marrocos e as ilhas do atlântico norte	31
<i>Joaquim Romero Magalhães</i>	
Lisberalismo e política social em Portugal (meados do século XIX a início do século XX).....	53
<i>Miriam Halpern Pereira</i>	
O “mal das sezões”: arrozais, malária e protesto popular nos campos do Mondego (séculos XIX e XX).....	65
<i>Irene Vaquinhas</i>	
As repercussões em Macau da implantação das repúblicas	89
<i>Jorge de Abreu Arrimar</i>	

PARTE II

OLHARES E PAPÉIS FEMININOS

O olhar de viajantes estrangeiros sobre as mulheres açorianas (século XIX)	109
<i>Susana Serpa Silva</i>	
Rompendo silêncios: a presença das mulheres no campo da tradução	139
<i>Leonor Sampaio da Silva</i>	
Perspetivas sobre a natureza dos Açores: Uma abordagem ecocrítica e feminista	157
<i>Rosa Maria Neves Simas</i>	

PARTE III

JUDEUS NA HISTÓRIA DE PORTUGAL E DOS AÇORES

Antroponímia Hebraica da família Bensaúde dos Açores.....	177
<i>Inácio Steinhardt</i>	
Judeus sefarditas de Marrocos no mundo lusófono (1774-1975)	195
<i>William G. Clarence-Smith</i>	
A musealização da Sinagoga <i>Sahar Hassamaim</i> (Ponta Delgada – Açores) O legado de Fátima Sequeira Dias	209
<i>Susana Goulart Costa</i>	

PARTE IV

ARQUITECTURA E QUOTIDIANO

O quotidiano medieval e a história que construímos	227
<i>Manuel Sílvio Alves Conde</i>	
A casa nobre da época moderna nos arquipélagos dos Açores, Madeira e Canárias: estudo comparativo.....	247
<i>Isabel Soares Albergaria</i>	

PARTE V

PRODUÇÃO, NEGÓCIOS E TEORIA ECONÓMICA

O novo padrão de transações coloniais e a revolução industrial: o caso do império luso-brasileiro (1660-1800).....	269
<i>José Jobson de Andrade Arruda</i>	
“Homens de Negócio” da praça de Lisboa nas suas relações com a alfândega nos inícios do século XVIII.....	287
<i>Maria Júlia de Oliveira e Silva</i>	
O Chá Raposo d’Amaral: contributo para o estudo do chá em S. Miguel.....	301
<i>Margarida Vaz do Rego Machado</i>	

Os territórios de figueiras e a cultura dos figos na ilha do Pico – Açores.....	325
<i>Rui de Sousa Martins</i>	
Instituições e comércio internacional de bacalhau	
O mercado português e as suas instituições no período entre as guerras.....	345
<i>Álvaro Garrido</i>	
A economia espacial e a aproximação à realidade da ciência económica: de Richard Cantillon a August Lösch.....	379
<i>António Alves-Caetano</i>	
Discussão sobre sistemas de preços para os serviços ferroviários da Europa nos anos de 1880	399
<i>Maria Eugénia Mata</i>	

Perspetivas sobre a natureza dos Açores: Uma abordagem ecocrítica e feminista

Perspectives on Nature in the Azores: An Ecocritical and Feminist Analysis

Rosa Maria Neves Simas¹

Resumo: A natureza dos Açores tem sido amplamente estudada no seio das ciências naturais, ao contrário do que tem acontecido nos estudos socioculturais. Contrapondo a esta situação, o presente artigo faz uma análise ecocrítica e feminista das atitudes face à natureza que surgem no contexto da sociedade atual, através do estudo comparativo *GenARE: Generations of Azoreans and Renewable Energy*, e no âmbito da cultura açoriana, através do romance *Mau Tempo no Canal*, obra-prima da escrita açoriana que, como o próprio título indica, aponta para a vitalidade da natureza das ilhas.

Abstract: Nature in the Azores has been amply studied within the natural sciences, but much less so within the scope of social sciences and culture studies. To counteract this situation, this text presents an ecocritical and feminist analysis of the attitudes toward nature that have emerged within the context of Azorean society and culture, through the comparative study *GenARE: Generations of Azoreans and Renewable Energy* and in *Mau Tempo no Canal* (literally “bad weather in the [Pico-Faial] Channel,” translated as *Stormy Isles: An Azorean Tale* in 1998), the emblematic novel of Azorean literature that, as the very title suggests, points to the vitality of nature in the islands.

Palavras - Chave: Natureza dos Açores; atitudes face à natureza; ecocrítica.

Keywords: Nature in the Azores; attitudes toward nature; ecocriticism.

¹ Professora Auxiliar do DLLM, Universidade dos Açores.

Introdução

A natureza dos Açores, aspeto basilar da formação da cultura açoriana e da forma como o arquipélago é percecionado, tanto pelos habitantes como por visitantes, tem sido bastante estudada no seio das ciências naturais. No entanto, o meio natural açórico tem merecido menos atenção no contexto dos estudos sociais e culturais, embora seja amplamente reconhecido que as perspetivas e noções das sociedades e culturas moldam a forma como as pessoas lidam com o ambiente e acabam por afetar o estado da natureza. Efetivamente, dada a ligação intrínseca que existe entre o estado do meio ambiente e o desenvolvimento da cultura humana no nosso planeta, tem-se tornado bastante consensual “a premissa fundamental de que a cultura humana está ligada ao mundo físico, afetando-o e sendo afetado por ele”.² Neste contexto, o meio ambiente natural tem vindo a ser visto, ao longo das últimas décadas, como um legado comum da humanidade que une os saberes na “construção social dos problemas ambientais”,³ que molda perspetivas pessoais e sociais, e que passa de geração em geração.

À luz do exposto, e em sintonia com a corrente ecocrítica, o presente texto examina aspetos do estudo comparativo das atitudes de três gerações de açorianos face às questões ambientais e energéticas: o *GenARE: Generations of Azoreans and Renewable Energy*.⁴ Nesta abordagem sociocultural, transparecem as perspetivas e práticas, tal como os valores e preconceitos do povo açoriano face ao meio ambiente. Dando continuidade à abordagem ecocrítica, mas desta feita ligada à análise feminista, o texto passa para a escrita literária, desenvolvendo uma análise das representações da natureza do arquipélago no romance emblemático dos Açores, *Mau*

² Glotfelty, C. & Fromm, H. (1996), *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens & London: University of Georgia Press, p.xix.

³ Hannigan, J. (2000), *Sociologia Ambiental: A formação de uma perspectiva social*. Lisboa: Instituto Piaget, p. 47.

⁴ Simas, R., Tomás, L., Serpa, M., Gomes, C. & Arroz, A. (2012), *GenARE: Generations of Azoreans and Renewable Energy: A Comparative Study*. Final Report. Green Islands Project, MIT Portugal & Universidade dos Açores.

Tempo no Canal, de Vitorino Nemésio.⁵ Considerado o grande romance dos Açores e da Literatura Portuguesa do século XX, *Mau Tempo no Canal*, como o próprio título indica, exala a intensidade e exuberância da natureza das ilhas. Efetivamente, neste romance “a natureza insular, que é, a seu modo, também personagem” nas palavras do estudioso António Machado Pires,⁶ assume um papel fulgurante ao longo de toda obra. Através desta conjugação de olhares e abordagens, o presente trabalho leva a uma reflexão aturada do impacto das perspetivas sobre o meio natural açoriano na sociedade contemporânea e na obra-prima do autor que criou o próprio conceito de açorianidade e afirmou que, no contexto da mundividência dos Açores, “a geografia, para nós, vale outro tanto como a história”.⁷

O Contexto Sociocultural

Realizado entre os anos de 2010 e 2012, o projeto *GenARE* desenvolveu o estudo comparativo de três gerações de açorianos face a questões ligadas ao meio ambiente e ao uso da energia. Assim, a equipa *GenARE* procurou perceber a posição de cada uma das gerações face a duas perspetivas opostas sobre o ambiente: uma visão tradicional baseada no antropocentrismo, que coloca o ser humano no centro da criação e os recursos naturais ao serviço da humanidade, em oposição à mais recente postura ecológica, alicerçada no que se poderá chamar biocentrismo, ou seja, “a convicção de que o ser humano não é nem melhor nem pior do que as outras criaturas... mas que está simplesmente em pé de igualdade com tudo que existe no mundo natural”.⁸ Enquanto a tensão entre estas duas visões existe em muitos contextos sociais, a transição do antropocentrismo para uma postura mais biocêntrica e amiga do ambiente, que está em curso à volta do globo e que já se faz sentir nas ilhas, constitui uma alteração

⁵ Nemésio, V. (2001), *Mau Tempo no Canal* (1ª edição 1944). Lisboa: Leya, SA, Sociedade Portuguesa de Autores & Publicações Dom Quixote.

⁶ Machado Pires, A. (2013), *Páginas sobre Açorianidade*. Ponta Delgada: Publiçor / Letras Lavadas, p. 71.

⁷ Nemésio, V. (1932), “Açorianidade” in *Ínsula*, nº 7: Julho-Agosto.

⁸ Campbell, S. E. (1999), “The Land and Language of Desire: Where Deep Ecology and Post-Structuralism Meet” in *Western American Literature* (Nov.), p. 208.

paradigmática de dimensões apreciáveis que tem sido transmitida, nas últimas décadas, à população açoriana em geral, através dos media, e às camadas mais jovens, através do ensino.

No contexto das ciências sociais, a configuração geográfica do arquipélago dos Açores aparece como um laboratório natural e privilegiado para a investigação científica. Distantes dos continentes, os Açores estiveram, até há poucas décadas, relativamente à margem dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos que moldaram a civilização ocidental ao longo do tempo. Por exemplo, em termos da rede de distribuição de energia elétrica, foi sobretudo a partir da década de setenta do século XX que ocorreu o seu alargamento progressivo a todo o arquipélago. Como resultado, a população açoriana atual é constituída por gerações com experiências muito distintas nesta matéria. Efetivamente, podemos encontrar, nos Açores, uma geração mais idosa, a dos avós, que se recorda de viver sem eletricidade; uma geração intermédia, a dos pais, que viveu durante a introdução da eletricidade; e, finalmente, uma geração mais jovem, a dos filhos, que terá grandes dificuldades em imaginar o que seria viver sem eletricidade.

A justaposição de experiências de vida tão diversas, mas também coincidentes, faz da sociedade açoriana um campo especialmente fértil para pesquisar estas questões. Paralelamente, no contexto do arquipélago dos Açores, a história e a religião têm tido um papel preponderante na relação da população com o meio ambiente. Ao longo dos séculos, a sobrevivência das pessoas dos Açores tem dependido dos fenómenos e recursos naturais – o clima, a terra, o mar. Assim as gerações que se seguiram ao povoamento inicial desenvolveram uma relação de grande proximidade com a natureza que perdura até hoje. Ao mesmo tempo, a exposição aos fenómenos da contemporaneidade e da preocupação ambiental começou apenas há uma geração, o que significa que a sociedade açoriana, ainda predominantemente rural e enraizada no cultivo da terra, tende a privilegiar a sobrevivência humana e o domínio sobre a natureza.

Simultaneamente, a religião dominante do povo açoriano foi e continua a ser o Cristianismo. Neste contexto, não se pode deixar de

ignorar que o texto basilar da tradição judaico-cristã, a *Bíblia*, no Livro de Génesis, sustém que Deus criou o homem à sua imagem, ordenando que ele se multiplicasse e subjugassem a terra e toda a sua criação, tendo domínio “sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem na terra”.⁹ À luz do impacto sociocultural de um discurso desta natureza, de clara matriz antropocêntrica, o Cristianismo tem sido visto como uma religião que, ao moldar a cultura do Ocidente, “não só estabeleceu o dualismo homem e natureza, mas também insistiu em que, segundo a vontade de Deus, o homem tem o direito de explorar a natureza para os seus próprios fins”.¹⁰

GenARE: Generations of Azoreans and Renewable Energy

Embora variações de faixas etárias sejam contempladas em estudos prévios das atitudes das pessoas face às questões ambientais,¹¹ o estudo *GenARE* foi, no seu todo, construído e desenvolvido com base no estudo comparativo de diversas gerações de açorianos. Assim, as pessoas inquiridas inseriam-se em uma de três faixas etárias de açorianos: a geração dos avós (pessoas com mais de 55 anos de idade), a dos pais (com idades dos 30 aos 54) e a dos filhos (dos 10 aos 29). Numa primeira fase, foram efetuadas 42 entrevistas em profundidade a membros de três gerações de catorze famílias em quatro ilhas do arquipélago dos Açores. Os resultados destas entrevistas permitiram definir as dimensões socioculturais do projeto, assentes na análise comparativa das atitudes, representações e práticas de três gerações de açorianos face à energia e à situação ambiental de hoje. Estes dados também levaram à construção do questionário *GenARE*, que

⁹ Alves, H. (Coord.) (2012), *Bíblia Sagrada, O Livro de Génesis: História das Origens*. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, p. 25.

¹⁰ White, L. (1967), “The Historical Roots of Our Ecological Crisis” in *Science*, 10 March, p. 1203.

¹¹ Almeida, J. F. (Coord.) (2000 & 2004), *Os Portugueses e o Ambiente: I Inquérito e II Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente*. Oeiras: Celta; Silva, E. & Gabriel, R. (2007), *As atitudes face ao ambiente em regiões periféricas*. Fundação para a Ciência e Tecnologia & Fundo Europeu para o Desenvolvimento Regional. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores; e Eurobarometer (2010) *Public Opinion in the European Union*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.

foi administrado em quatro das nove ilhas dos Açores (Pico, Santa Maria, São Miguel e Terceira), a 1 129 inquiridos, uma amostra representativa da população, segundo quotas das freguesias em estudo, garantindo uma margem de erro não superior a 3%. Esta seleção resultou da análise das características gerais de todas as ilhas do arquipélago relativamente às fontes energéticas, em uso e em desenvolvimento à época do estudo, e da vivência que tipifica as variadas zonas de cada ilha.

Entre os dados colhidos, sobressaem várias questões e tendências que merecem atenção. Primeiro, ao contrário dos resultados do estudo das regiões periféricas de Castelo Branco e Açores, feito cinco anos antes,¹² e do inquérito nacional do Observa,¹³ em que o ambiente figura entre as cinco maiores preocupações dos participantes, no contexto do estudo *GenARE*¹⁴ as questões ambientais e energéticas têm uma expressão residual. Assim, os problemas da atualidade que mais preocupam as gerações de açorianos não estão ligados às questões ambientais, mas sim a aspetos políticos, sociais e económicos, especialmente a má gestão dos dinheiros públicos, a falta de trabalho e a crise económica.

Feita esta contextualização do ambiente no quadro das preocupações das pessoas, o *GenARE* passou para a caracterização da população açoriana face às representações da natureza, onde também surgem resultados surpreendentes. Em primeiro lugar, apesar de ter havido, durante a última década e meia, uma enorme aposta no Turismo nos Açores, retratados como um destino paradisíaco, com “Natureza Intacta” (2002), “Natureza Viva” (2003) e “Natureza Mágica” (2004), os resultados do estudo *GenARE* indicam que a população autóctone está longe de se sentir em sintonia com esta visão. Quanto ao respeito dos açorianos pela natureza, em comparação com o trato das pessoas que visitam o arquipélago, a maioria (67%) nas três gerações diz que “os estrangeiros/turistas são mais respeitadores” do meio ambiente, apenas 22% acha que o nível de respeito é igual, e somente 7% pensa que o povo açoriano é mais respeitador. Aliás,

¹² Silva & Gabriel, *ob. cit.*, 2007.

¹³ Almeida, *ob. cit.*, 2000 e 2004.

¹⁴ Simas *et al.*, 2012.

estes resultados acabam por espelhar a visão depreciativa da população portuguesa inquirida pelo Observa, ao comparar-se com os povos do Norte da Europa,¹⁵ evidenciando a crença generalizada de que as atitudes dos açorianos face ao ambiente físico, e as avaliações que fazem das suas práticas, estão bastante aquém do que tem sido transmitida nas campanhas.

Para aprofundar a análise da população açoriana na sua relação com a natureza, o questionário pediu às pessoas para indicarem o seu nível de concordância com as quinze afirmações da *Escala NEP – New Ecological Paradigm Scale*,¹⁶ instrumento de análise conceituado a nível internacional. Os resultados mostram que, embora a perspetiva antropocêntrica ainda persista, também existe uma crescente influência da postura biocêntrica entre os habitantes dos Açores. Indicando esta tendência, perceptível nas três gerações e sobretudo nas mais jovens, a grande maioria está de acordo com as afirmações da *Escala NEP* que põem em causa a ação humana na natureza e exprimem sensibilidade ecológica. Comentando a intervenção humana, por exemplo, a grande maioria (87%) concorda que “A ação humana na natureza muitas vezes produz consequências desastrosas”, (85%) admite que “O ser humano está a abusar severamente do ambiente”, (78%) aceita que “Apesar das suas capacidades, o ser humano está sujeito às leis da natureza” e (72%) considera que “Se as coisas continuarem como até aqui, uma catástrofe ecológica será inevitável”. Quanto à sensibilidade ecológica, a clara maioria (89%) acha que “Tal como a espécie humana, as espécies animais e vegetais têm o direito de existir” e (83%) concorda que “O equilíbrio da natureza é frágil e deve ser respeitado”.

Comparando as três gerações nas suas perspetivas sobre a natureza, a dos filhos afigura-se como a que está mais em sintonia com o novo paradigma que coloca a natureza no centro das preocupações, uma sensibilidade também relatada em outros estudos.¹⁷ No entanto,

¹⁵ Almeida, *ob. cit.*, 2000 e 2004.

¹⁶ Dunlap, R. & Van Liere, K. (2000), “New Trends in Measuring Environmental Attitudes: Measuring Endorsement of the New Ecological Paradigm: A Revised NEP Scale” in *Journal of Social Issues*, Vol. 56, Issue 3, pp. 425-442.

¹⁷ Silva & Gabriel, 2007 e Schmidt, L., Nave, J. G. & Guerra, J. (2010), *Educação ambiental: Balanço e perspetivas para uma agenda mais sustentável*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

existem variações em relação aos resultados do estudo das duas regiões periféricas, Açores e Castelo Branco,¹⁸ como também surgem tensões e contradições nos resultados do estudo *GenARE*. É o que acontece, por exemplo, quando 47% da geração dos filhos concorda que “O progresso e o desenvolvimento têm de prosseguir de qualquer maneira”. Contudo, o resultado no estudo *GenARE* que mais evidencia a tensão entre o antropocentrismo e o biocentrismo, que ainda persiste na visão da geração mais jovem, acontece em relação à afirmação “O ser humano vai conhecer a natureza suficientemente bem para a controlar”, quando 34% concorda e 36% discorda.

No entanto, é esta geração, a dos filhos, que é vista, por todos, como sendo a mais conhecedora das questões ambientais e energéticas, e a mais preparada para resolver as questões do futuro. Apesar de tal confiança na geração jovem, os resultados demonstram que os conhecimentos são, muitas vezes, parcos e erróneos, tanto nesta geração, como também nas outras. Numa perspetiva global sobre as questões energéticas e ambientais, por exemplo, a maioria nas três gerações (63%) admite não saber se a fonte da energia que consome pode diminuir ou acabar no futuro. Embora metade (49%) pense que o consumo de energia vai aumentar, muitos (45%) admitem desconhecer se a produção elétrica afeta o ambiente. E, pensando nos Açores em relação ao resto do mundo, a maioria (61%) mantém a ideia de que a Região está protegida, ou porque “a energia dos Açores já é renovável”, “não há falta de energia nos Açores”, “os Açores estão afastados dos grandes centros”, ou então porque os problemas “só se irão notar daqui a uns anos”.

Em jeito de síntese, conjugamos as perceções das gerações sobre o arquipélago, na sua especificidade, e sobre a natureza, no seu todo. A noção generalizada, acima referida, de que o arquipélago açoriano está “protegido” da escassez ou falta de energia e dos problemas ambientais é exemplo premente do nível de desconhecimento que existe, entre a população dos Açores, sobre a dinâmica intra- e inter-relacionada dos

¹⁸ Silva & Gabriel, *ob. cit.*, 2007.

ecossistemas que moldam e movimentam a vida no planeta Terra. Na relação da população com a natureza e o ambiente físico das ilhas, embora a recente aposta no Turismo nos Açores se baseie numa imagem das ilhas como um destino paradisíaco com a natureza intacta, a autoavaliação que os açorianos fazem do seu nível de respeito pela natureza é avassaladora, apontando para um grande desajuste entre a forma como as pessoas se relacionam com o ambiente físico e avaliam o seu comportamento em comparação com outros povos, numa altura em que essas pessoas de fora chegam aos Açores em números crescentes. Em contrapartida, e numa perspetiva mais positiva, a tendência generalizada entre as gerações de assumir posições mais amigas do ambiente e da natureza, uma tendência que está mais presente na visão ecocêntrica crescentemente adotada pelas faixas etárias mais novas, aponta para o abrandamento gradual da posição antropocêntrica que tem dominado a cosmovisão do povo açoriano ao longo do tempo, e ao longo da sua história no arquipélago.

O romance *Mau Tempo no Canal*

Na densidade do contexto sociocultural acima descrito, onde a natureza tem sido força pujante e sempre presente, apesar de ser, também, muitas vezes mal conhecida e até mal-amada, surge o romance emblemático de Vitorino Nemésio, *Mau Tempo no Canal*. Efetivamente, na vida literária e cultural dos Açores, o escritor e este seu romance são incontornáveis e continuam a ter impacto nas gerações mais jovens de escritores. Pense-se, por exemplo, em Pedro Almeida Maia, que em 2012 publica o romance *Bom Tempo no Canal*, com o sugestivo subtítulo: *A Conspiração da Energia*.¹⁹ No contexto da grande obra de Nemésio, “a natureza insular é...também personagem”, como escreve Machado Pires, e está intimamente ligada à forma como o romancista constrói e caracteriza a personagem de Margarida Clark Dulmo, a figura em torno da qual toda a diegese da narrativa gira.

¹⁹ Maia, P. A. (2012), *Bom Tempo no Canal: A Conspiração da Energia*. Ponta Delgada: Publiçor / Letras Lavadas.

Antes da corrente de análise literária ecocrítica ter surgido, no final da década de 1980, o grande romance nemesiano, três décadas após a sua publicação em 1944, começa a merecer a atenção de uma variedade de críticos literários portugueses, numa altura em que a crítica feminista estava em franca expansão. Porém, nas abordagens da altura, a ótica feminista está muitas vezes implícita, devido ao papel central da personagem de Margarida, mas nunca é mencionada como tal. Numa análise estrutural, por exemplo, Maria Lúcia Lepecki, em 1974, explica que a construção de *Mau Tempo no Canal* assenta em dois eixos narrativos: um “vertical” abrangendo as várias fases do conflito amoroso vivido pela protagonista Margarida, e outro “horizontal” englobando o ambiente físico das ilhas e a realidade social açoriana.²⁰ Sublinhando o papel da sua personagem principal, o próprio autor já tinha chamado a Margarida “a alma do livro” numa entrevista de 1944,²¹ ano em que o romance aparece. Ao assinalar os cinquenta anos da publicação original, o escritor e crítico literário José Martins Garcia escreve a Introdução da sétima edição, de 1994, onde destaca o hábil manuseio da voz narrativa do romance, “filtrada” pela personagem principal de Margarida, da seguinte forma:

*A cumplicidade da voz narrativa com a personalidade de Margarida constitui, neste romance, um processo em que Nemésio depôs toda a sua capacidade de captação do real exterior e interior, bem como a sua exímia arte da palavra. Com efeito, Margarida é a personagem que mais profundamente apreende a envolvência insular, os efeitos da atmosfera sobre os nervos, os efeitos da rotina sobre a ansiedade, o impulso e os limites da evasão, o devaneio e o sonho, mas também a condição da mulher, os preconceitos de classe, a decadência presunçosa da casta, o dilema que se instala entre a busca de felicidade e a frustração.*²²

²⁰ Lepecki, M. L. (1974), “Sobre *Mau Tempo no Canal*” in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa: Bertrand, p. 169.

²¹ Nemésio, V. (1944), *Correio dos Açores*, 27 Agosto.

²² Garcia, J. M. (1994),. Introdução, *Mau Tempo no Canal*, Vol. III, *Vitorino Nemésio: Obras Completas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 15-16.

Segundo João Gaspar Simões, Margarida dá corpo às raízes genealógicas e míticas da sua terra natal, ao mesmo tempo que “aparenta a própria terra açoriana que a viu nascer” e afigura-se como sendo a “figura mulheril” mais verdadeira, mais complexamente natural e humana da literatura portuguesa.²³ Também centrado na personagem principal, Heraldo da Silva descreve o solo de vulcões e “mistérios” de lava que Margarida visita no Pico e em São Jorge; o mar real e mítico que lhe anima a vontade e enche a alma; o canal de tempestades e bonanças que ela enfrenta destemidamente; a fauna e flora com cenas pastoris de ordenha de vacas e cavalgadas desportivas.²⁴ Assim, Margarida Clark Dulmo é, no próprio romance, “a pérola do Faial”,²⁵ sendo também “a pérola nemesiana”²⁶ à volta da qual o autor molda a sua recriação da natureza açoriana no romance *Mau Tempo no Canal*.

A Natureza e(m) Margarida

No decorrer do romance, “a voz narrativa destaca a carga simbólica e mítica da natureza dos Açores, força anímica e autónoma, anterior a qualquer presença humana”²⁷ e subjacente a toda a diegese. Logo no título, Vitorino Nemésio abarca a paisagem natural dos Açores, através da referência ao “Canal” Pico-Faial. Mais tarde no romance, aprofunda a simbologia que atribui a esta configuração de duas ilhas, quando observa, em relação à Horta: “a cidade, defronte do Pico arroxeadado das nuvens do mar ao entardecer, sentia-se na posse de uma força que vinha do fundo dos tempos, quando as ilhas não tinham ainda sinal de nada humano”.²⁸

²³ Simões, J. G. (1974), “Mau Tempo no Canal” in *Críticas sobre Vitorino Nemésio*, Lisboa: Bertrand, p. 77.

²⁴ Silva, H. (1985), *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio: Realidade, Poesia e Mito*. Lisboa: Imprensa Nacional.

²⁵ Nemésio, *ob. cit.*, 2001, p. 61.

²⁶ Simas, R. (1998) “A pérola nemesiana” in Machado Pires, A. (Coord.), *Vitorino Nemésio: Vinte anos depois*, Lisboa: Edições Cosmos, pp. 254-262.

²⁷ Simas, R. (2015), “O romance *Mau Tempo no Canal* de Vitorino Nemésio: Uma abordagem com Python” in Guerra, H., Gomes, L., Viana, M. & Simas, R. *Mineração de Texto em Humanidades*. Lisboa: Centro de História, Universidade de Lisboa, p. 327.

²⁸ Nemésio, *ob. cit.*, 2001, p. 160.

Esta força simbólica e mítica da natureza açoriana, anterior à existência humana, perpassa os momentos mais marcantes de todo o romance, desde a tempestade que ponteia a cena inicial de Margarida com o então pretendente, João Garcia, e culmina com a sova que o pai lhe dá, por estar frontalmente contra o namoro, à aventura insólita, para uma mulher, de acompanhar uma expedição de caça à baleia no Canal Pico-São Jorge, e passar a noite, na companhia dos baleeiros, numa furna volcânica na costa de São Jorge, situações inéditas na baleação, e em todo o contexto social da altura.

Mas o título do romance refere também “mau tempo”, o que constitui uma metáfora multifacetada ligada, simultaneamente, ao meio físico e ao tecido social das ilhas. Como fenómeno natural, o “mau tempo” do título é uma referência à instabilidade característica do meio ambiente insular, proveniente do clima das ilhas mas também, por extensão, resultante da sismicidade do solo e da mutabilidade do meio marinho. Contudo, o “mau tempo” é igualmente uma referência à instabilidade causada pelas tensões entre as classes sociais retratadas no romance, especialmente entre a velha aristocracia e a nova classe burguesa. Efetivamente, a narrativa gira em torno de “a grande rivalidade entre o pai de João, Januário Garcia, personificação da burguesia, então em franca ascensão, e o pai de Margarida, Diogo Dulmo, patriarca representativo da classe aristocrática, em processo de decadência lenta mas inevitável. Protagonistas do conflito que molda o romance, ambos estão inseridos numa sociedade de cariz marcadamente tradicional, confrontada com os transtornos e as intempéries que caracterizam os períodos de transformação social”.²⁹ Sentindo-se prejudicada como pessoa e como mulher, na sua dimensão mais íntima, por esta rivalidade ferrenha, Margarida sofre, protesta e faz planos para fugir. Porém, para salvaguardar o nome da família, acaba por casar com o filho do Barão de São Jorge, André Barreto, sucumbindo à enorme pressão social que a condiciona como mulher inserida na sociedade tradicional dos Açores, de Portugal, no início do século XX.

²⁹ Simas, *ob. cit.*, 2015, p. 309.

Profundamente revoltada, na sequência da sova do pai, já mencionada, Margarida reage e resiste, num protesto veemente contra a sua situação de mulher numa sociedade retrógrada, onde a tradição patriarcal das heranças, passadas de pai para filhos, faz dela um mero bem de troca e venda, respondendo de forma sarcástica à sua própria pergunta retórica: “Numa terra em que tudo são heranças e negócios, o que vale uma rapariga? Eu sou uma espécie de prédio que por acaso ficou livre. Muito mais deve um filho ‘a seus progenitores’ (não é assim que se diz?) ‘As fiminhas’ como diz a Mariana do Pico, ‘quérin-se im casa sossegadas, im riba do estrado.’ Já fiz a primeira comunhão; crismaram-me... Vamos chegando à altura das flores de laranjeira. A vida é como a roda do ano em casa do lavrador: lavrar, semear, ceifar”.³⁰ Sentindo-se colhida pelas garras deste ciclo vicioso, Margarida pensa libertar-se através da emigração, tida, por tantos açorianos ao longo dos tempos, como válvula de escape para tantas e diversas situações angustiantes.

Através desta situação, e do próprio desenvolvimento da personagem de Margarida, Vitorino Nemésio destaca aspetos da condição feminina de então, numa abordagem que se antecipa aos movimentos feministas que iriam pautar a segunda metade do século XX. Desta dimensão do romance, Heraldo da Silva faz a seguinte síntese: “A originalidade e a actualidade da moderada ‘tese feminista’ nemesiana cobra certamente valor pela antecipação temporal de algumas décadas, dado que *Mau Tempo no Canal* aparece em 1944”.³¹ Assim, no ponto climático da narrativa em que Margarida se sente revigorada pela sua decisão de emigrar, é através de um elemento robusto e resistente da natureza, “a araucária do pátio”, “grossa e cheia de limos”, que o autor caracteriza a força anímica que revitaliza a protagonista: “Uma força desconhecida levantava-a acolá como a araucária do pátio, inabalável, cheia daqueles tentáculos verdes que fechavam a casa de sombra”,³² metáfora em que a araucária exala a força da natureza e representa o ciclo pujante da vida natural, a asfíxiar

³⁰ Nemésio, *ob. cit.*, 2001, p. 169.

³¹ Silva, *ob. cit.*, 1985, p. 282.

³² Nemésio, *ob. cit.*, 2001, p. 172.

a herança linear da “casa de sombra”, que é a sociedade patriarcal. Isto é, percebendo que a “fuga” real de Margarida não é plausível, por não se enquadrar na realidade de então, Nemésio colhe da natureza a forma para caracterizar a força anímica que move a sua personagem principal, no seu confronto com o poder tradicional.

Efetivamente, ao longo de todo o romance, Nemésio imprime à personagem de Margarida a força simbólica e mítica que atribui à natureza dos Açores, conjugando uma visão sublimada do meio ambiente açoriano com a realidade limitativa da condição feminina no início do século XX. Assim, muito antes das alterações na situação da mulher que iriam surgir na segunda metade do século, o escritor dos Açores foca, através da protagonista de *Mau Tempo no Canal*, a pesada herança patriarcal que pairava sobre a mulher e, através da conjugação clássica de mulher-natureza, oposta ao longo da história ocidental ao binómio homem-cultura,³³ retrata Margarida e o “querer-bem concebido como matéria de um mito, ligado à rocha da ilha e às noites de mau tempo no Canal”.³⁴

Considerações Finais

No contacto com o arquipélago dos Açores, quer seja inicial ou continuado, o meio ambiente das ilhas é, sem dúvida, o que mais sobressai e impressiona, pela sua exuberância, pela sua singularidade, pela sua natureza. Para os habitantes, nos mais de cinco séculos de permanência humana sobre as rochas vulcânicas açóricas, o ambiente natural ilhéu tem representado conquistas e perigos, dificuldades e derrotas, castigos de Deus e desafios do devir. Para os visitantes, o meio natural açoriano tem-se afigurado como terreno para descobertas e caminhadas, tratamentos e passeios, aventura e bem-estar. Na escrita, a natureza dos Açores tem sido, para uns, simultaneamente, espetáculo retratando os primórdios do mundo,

³³ Sandilands, C. (1999), *The Good-Natured Feminist: Ecofeminism and the Quest for Democracy*. Minneapolis & London: University of Minnesota Press, e Warhol, R. R. & Herndl, D. P. (1991), *Feminisms: An Anthology of Literary Theory and Criticism*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press.

³⁴ Nemésio, *ob. cit.*, 2001, p. 177.

palco propício à inspiração, criação e autorreflexão, e até personagem que pisa esse mesmo palco, desempenhando papéis diferentes ao longo do tempo e em sintonia com a sua faceta climatérica, como transparece em Raul Brandão quando escreve, em 1926, sobre o que chama *As Ilhas Desconhecidas*:

Ao lado, a sucessão de colinas azuladas do Faial vai-se tornando mais nítida. Estas grandes rochas que mudam de sítio e de cor fundem-se no azul, enquanto outras se aproximam e avolumam; o espectáculo imenso que se desenrola diante de meus olhos atónitos dá-me a impressão de que as ilhas nascem do mar e se vão formando à nossa vista pela mão do Criador.³⁵

O que me vale é que saio e dou logo com o Pico, que é eterno. Encontro-o sempre: ao voltar duma esquina, ao sair de casa, ao saltar da cama. Hoje decidiu morrer em violeta, mas, antes de morrer, passa por todos os tons do violeta. Desfalece e por fim envolve-se numa nuvem para o não vermos exalar o último suspiro. Desconfio que foi posto ali de propósito e à distância calculada para nos atrair e encantar. Nas noites de luar é um fantasma branco e imóvel. A gente espera que ele se mexa. Nas noites negras é um fantasma negro e trágico que vai pregar na escuridão. Passo dias a olhar para ele.³⁶

Para Vitorino Nemésio, conhecedor exímio da escrita de Raul Brandão e de tantos outros, passados e contemporâneos, a natureza dos Açores é a matriz que o inspira e alimenta, enquanto escritor, açoriano, e ser humano. Como tal, o romancista imprimiu à personagem principal da sua obra emblemática *Mau Tempo no Canal*, Margarida Clark Dulmo, toda a pujança simbólica e mítica que atribui ao meio ambiente açórico, numa representação da natureza moldada pelo binómio mulher-natureza

³⁵ Brandão, R. (2001), *As Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens*. (1ª edição 1926). Lisboa: Frenesi, p. 22.

³⁶ *Ibid.*, p. 77.

e pelo arquétipo do regresso às origens, à força anímica da criação – ao “ovo que deixei, bicado e quente, / vazio de mim, no mar”, versos de *O Bicho Harmonioso*.³⁷ Neste contexto, Margarida, cujo nome se relaciona etimologicamente com “pérola”, é, nas palavras de Heraldo da Silva: “concebida como uma pérola, filha das águas açorianas e por elas fortificada, vivendo sob o signo de uma serpente cega, destinada a ser imolada pelo bem da família e a regressar ao seio das águas donde veio”,³⁸ regresso simbolizado, no fim da diegese, pelo ato de atirar o seu anel de serpente nas profundezas do mar. Ou seja, “enquanto Margarida acaba por ser socialmente pragmática, aceitando o casamento com André Barreto e o anel, a aliança que possibilitará a sobrevivência económica da família, ela continua espiritualmente idealista até ao fim, enterrando o seu querido anel de serpente entre as águas do mar, numa atitude final de salvaguarda pessoal”³⁹ porque, na escrita nemesiana, é a natureza que mantém e alimenta a essência do cosmos, muito anterior à existência humana, e às intrigas e rivalidades que daí advieram.

Por seu turno, as gerações que participaram no estudo GenARE consideram a natureza dos Açores de uma perspectiva rotineira e utilitária, ligada intrinsecamente ao dia-a-dia nas ilhas, apesar de se mostrarem cada vez mais sensíveis às questões ambientais, passando lenta mas gradualmente para um campo que se vai aproximando do biocentrismo. Não obstante esta tendência, mais evidente entre as gerações mais jovens, a postura antropocêntrica ainda vigora, numa sociedade onde muitas são as pessoas que dependem diretamente dos recursos naturais para a sua subsistência. Porém, apesar desta proximidade efetiva, a maioria desconhece as noções básicas do funcionamento dos ecossistemas e do impacto das questões ambientais e energéticas que desafiam a humanidade na atualidade. Também preocupante é a autoavaliação negativa que as gerações de açorianos fazem do seu nível de respeito pela natureza, em comparação com outros povos.

³⁷ Nemésio, V. (1938), *O Bicho Harmonioso*. Lisboa: Livraria Bertrand.

³⁸ Silva, 1985, p.291.

³⁹ Simas, *ob. cit.*, 1998, p. 261.

Assim, num arquipélago onde a natureza é considerada marco identitário, da região e da cultura, as gerações da atualidade e o escritor dos Açores divergem nas formas como representam o meio ambiente ilhéu, mas confluem na sua abordagem tendencialmente antropocêntrica, mantendo o ser humano no centro da criação, e a natureza ao serviço do ser humano. Contudo, a profundidade de conhecimento e a complexidade da cosmovisão de Vitorino Nemésio levam-no a evocar, através da dimensão mítica da sua escrita, os primórdios da criação, as origens das ilhas, muito, mas muito anteriores à existência da vida humana nestes, e também noutros, tufões de lava cercados pelas águas dos oceanos.

JUDEUS NA HISTÓRIA DE
PORTUGAL E DOS AÇORES



FÁTIMA SEQUEIRA DIAS

A historiadora Fátima Sequeira Dias concluiu a licenciatura, na Universidade dos Açores, em 1981. As suas altas classificações levaram a que, logo no ano seguinte, passasse a assistente estagiária da mesma academia, prosseguindo, porém, os seus estudos na Bélgica, o que lhe permitiu o reconhecimento ao grau de Mestre pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Antes disto, realizara dois estágios no estrangeiro: um em Bergen, na Noruega e outro em Genebra, na Suíça.

Em 1993, de novo na Universidade dos Açores, prestou as suas provas de doutoramento com a tese intitulada *Uma Estratégia de Sucesso numa Economia Periférica. A Casa Bensaúde e os Açores. 1800-1873*. Este estudo, de reconhecido mérito, viria a receber o Prémio *Recent Doctoral Research in Economic History*, no *XII Congresso Internacional de História Económica*, realizado em Madrid, em 1998. Mais tarde, seria ainda distinguido pela *International Economic History Association*.

Entre 1983 a 1998 foi Assistente e Professora Auxiliar do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, transitando neste último ano para o Departamento de Economia e Gestão. Em 2001, passou à categoria de Professora Associada e em 2006 ascendeu a Professora Catedrática, após ter realizado, em 2004, as suas Provas de Agregação.

Leccionou inúmeras disciplinas, em especial no âmbito da História Económica, e foi uma impulsionadora dos Estudos de Género. A par de uma intensa actividade docente e de investigação, exerceu múltiplos cargos na Universidade dos Açores, entre eles o de Presidente do Conselho Científico e o de Pró-Reitora para as Relações Universidade/Sociedade.

Deixa à historiografia açoriana e nacional, inúmeros livros e artigos publicados em dicionários, enciclopédias, actas e revistas, nacionais e internacionais, que incidem sobre a presença judaica nas ilhas, a história empresarial e económica, a cidade de Ponta Delgada, os estudos de género e algumas biografias.

ISBN 978-989-20-6495-6



9 789892 064956

APOIOS:



Governo dos Açores
Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia



Centro de História
dos Açores e do Alto Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores